

**Veja**

**21/9/2011**

Perfil

## **A PENÉLOPE CHARMOSA DA POLÍTICA**

*Ela já catou algodão, foi babá e animadora de circo. Hoje, a prefeita Dárcy Vera é quem dá o tom na rica cidade de Ribeirão Preto*

JOÃO BATISTA JR.

Todos os dias, às 7 da manhã, a cabeleireira Sil Santos chega à casa da prefeita de Ribeirão Preto, Dárcy Vera, para fazer a maquiagem dela (“Passo blush pêssego para parecer bronzeado de sol”), a escova (“A franja vai na diagonal para dar um ar jovial”) e escolher a roupa que a prefeita usará. Entre terninhos, bolsas e sapatos, ela tem oitenta peças cor-de-rosa para coordenar. Houve época em que a prefeita se vestia inteirinha de rosa — o que lhe rendeu o apelido de Penélope Charmosa. Mas em sua impressionante trajetória, da lavoura para a cadeira mais importante da rica e incandescente cidade do nordeste paulista, Dárcy diz ter aprendido que “o elegante é usar apenas uma peça dessa cor”. O aperfeiçoamento pessoal se acelerou em 2009, quando ela assumiu a prefeitura de uma cidade que tem em sua esfera de influência onze universidades, o maior polo sucroalcooleiro e uma das mais completas estruturas de saúde do país. Dárcy (com acento, para evitar problemas de sílaba tônica) fez curso de oratória, treinou com psicólogos respostas para fofuquinhas maldosas que circulavam a seu respeito em Ribeirão Preto e se embrenhou no mundo das regras de etiqueta. “Em jantares com o governador Geraldo Alckmin, eu dizia que estava de dieta e não comia. É que eu tinha vergonha de não saber usar os talhares. Agora, aprendi”, diz.

Dárcy da Silva Vera, 44, é a filha do meio de um casal de boias-frias. Aos 6 anos, começou a trabalhar na difícil colheita do algodão. Depois, foi faxineira, babá, vendedora de painéis de porta em porta e animadora de circo. Aos 22, conseguiu um emprego de radialista. O dono da rádio ordenou-lhe que não abrisse a boca, apenas pusesse as músicas para tocar. “O programa era na madrugada e, como ele estava dormindo, eu desobedecia à ordem. Mandava beijos a quem pedia música e, em agradecimento, as pessoas me levavam marmitta.” Meses depois, Dárcy virou a locutora oficial da manhã. Sua especialidade era imitar cantoras de música brega. “Como uma deusaaa, você me mantééém”, canta a hoje prefeita, para mostrar o vozeirão que, à época, lhe rendeu um convite para integrar a dupla As Marcianas. O dono da rádio, então candidato a prefeito, percebeu a popularidade de Dárcy e, em 1992, lançou-a como vereadora. Deu certo. Dárcy ganharia futuramente outros três mandatos como vereadora e um como deputada estadual.

Uma vez no universo da administração pública, Dárcy fez seguidas melhorias em sua administração privada. Pôs 220 mililitros de silicone nos seios, afinou e empinou o nariz, aplicou botox em múltiplos pontos e adotou Victoria Beckham como musa. “Ela nunca aparece desarrumada”, diz Dárcy, que é miúda e come pouquíssimo, como a ex-spice girl, o ímpeto mudancista deu os principais sinais depois que ela se apaixonou pelo atual marido, Mandrison Almeida, seis anos mais jovem. Mandrison acumula as funções de diretor regional do DEM e de “coach imobiliário”, o que quer dizer mesmo isso? “Se uma empresa quer se instalar na cidade, pode pedir a ele que encontre um terreno. Não é corretor, é coach”, explica ela. O casal mora com os quatro filhos dela (Mônica e Leandro, que Dárcy adotou quando era solteira, e Victória e Melmoara, frutos de seu primeiro casamento) em uma casa de 535 metros quadrados, com jardim, piscina e uma futura academia — que a prefeita nunca usará: “Odeio ginástica”, diz.

Dárcy pertence ao DEM, mas bebe mesmo é na inesgotável fonte do populismo. Já distribuiu dentaduras, tomou muita água em lata de extrato de tomate em tempos de campanha e, ainda hoje, senta-se no chão para debater com militantes do MST. O PSDB local, que faz oposição a ela, gosta de falar sobre uma pesquisa que mostraria que 70da população vê sua administração como regular, ruim ou péssima. “A saúde está um caos, só neste ano houve 30 000 casos de dengue aqui, vinte vezes mais do que em todo o ano de 2009”, diz a vereadora tucana Silvana Resende. Também não se pode dizer que as finanças sejam o forte de Dárcy, em 2007, na administração de Welson Gasparini, do PSDB, a prefeitura fechou o ano com superávit de 45 milhões de reais, no ano passado, terminou com déficit de 58 milhões, a seu favor, Dárcy conta com uma infindável energia para o trabalho. Dá expediente das 8 às 22 horas, visita empreendimentos aos domingos e espera ser lembrada por enormes obras de prevenção de enchentes. No fértil campo das obras vistosas, contou com a mãozinha de Antonio Palocci, nascido em Ribeirão Preto, que acelerou o repasse de 42 milhões de reais pouco antes do breve período em que comandou a Casa Civil. “Tínhamos um bom relacionamento. É uma pena que dois ministros da cidade tenham caído”, diz Dárcy, incluindo na lista seu amigo Wagner Rossi, que fez carreira política em Ribeirão e foi separado da pasta da Agricultura pelos problemas de sempre. Apesar da filiação partidária, Dárcy ainda não tem muita intimidade com os fundamentos clássicos do liberalismo. Acha que livre-iniciativa significa “uma forma de sucesso da pessoa em ter iniciativa pessoal para subir” e vacila quando instada a analisar as vantagens de um estado menor e mais eficiente. “Não entendi... Menor que o estado de São Paulo? Isso é pegadinha?” Mas tem, inegavelmente, a manha comum à sua categoria. “Sou uma matuta que deu certo”, gosta de dizer. E como.

**(Páginas 102 e 103)**